

**QUILOMBO DIGITAL E INCLUSÃO SOCIAL DA COMUNIDADE DE
REMANESCENTE DE QUILOMBOLA DA TIMBAÚVA. ¹**

Cleusa Oliveira Dornelles²

Lisandra Manzoni Fontoura³

RESUMO: No final da década de 90, as políticas de identidades passaram a ser conquistadas através dos grupos étnicos, de gênero, entre outros. A pressão política decorrente destes grupos fez com que os legisladores brasileiros criassem leis para que fossem assegurados os direitos destes grupos excluídos, historicamente. Haja vista a Lei nº 10.639/2013 que trata sobre a obrigatoriedade do ensino de História da África e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares. E, neste contexto, optou-se por trabalhar na Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista, pertencente a Comunidade de Remanescentes da Timbaúva, na cidade de Formigueiro – RS, com Inclusão Social e Digital, tendo como pano de fundo as Lendas de Matriz Africana.

ABSTRAT: Quilombo Digital and Social Inclusion in Remnants of community resort of Timbaúva.

PALAVRAS CHAVES: Comunidade de Remanescentes de Quilombolas, Reconhecimento Etnicorracial, Lei nº 10.639/2003 Inclusão Social e Digital e Lendas de Matriz Africanas.

1 Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

2 Aluna: Cleusa Oliveira Dornelles do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

3 Professor Orientador, Lisandra Manzoni Fontoura.

1 INTRODUÇÃO

Os conceitos de “inclusão social” bem como de “inclusão digital”, leva em conta que a maioria dos autores trabalha, respectivamente, para definir estes conceitos em cima dos parâmetros de “exclusão social e exclusão digital”. Já de acordo com Dupas (2000), a exclusão social é um fenômeno multidimensional que extrapola a dimensão de pobreza. Embora ela seja uma dimensão fundamental na constituição do fenômeno, o mesmo conta com outras dimensões como educação, saúde, lazer, religião, cultura, etnia, política, economia, entre outras. E, Sampaio, explicitamente, propõe que inclusão digital “é o direito de acesso ao mundo digital para o desenvolvimento intelectual (educação, geração de conhecimento, participação e criação) e para o desenvolvimento de capacidade técnica e operacional” (Sampaio apud SPIGAROLI; SANTOS; SCHLÜNZEN; et al., 2005, p. 213-214).

WARSCHAUER (2006): Estar incluído socialmente pressupõe verificar o que significa estar incluída em cada época, noção intrinsecamente ligada ao surgimento e alcance dos meios de comunicação na sociedade... Partindo da premissa de que “a capacidade de acessar, adaptar e criar novo conhecimento por meio do uso das novas TIC é decisivo para a inclusão social na época atual.

Quanto à inclusão das Comunidades de Remanescentes de Quilombolas, objeto de estudo deste Projeto de Conclusão de Curso, vale lembrar que estamos referenciando numa das maiores chagas da história brasileira, desde o Brasil Colônia, passando pelo Brasil Império e chegando ao Brasil República. A classe negra ao longo da trajetória da vida econômica brasileira foi submetida a uma exclusão socioeconômica e cultural. Neste contexto, a história da escravidão torna-se um problema as classes dominantes quando esta população procura estudar, pois a escola tornar-se um espaço privilegiado de divulgação e reconstrução da cultura negra. É no espaço escolar e no acesso à educação pelo negro, que começaram as discussões acerca dos saberes diferentes, conforme o educador Paulo Freire. E, é neste mesmo universo denso que se insere a Lei nº 10.639/2003, que disciplina nas escolas

públicas e privadas, a inclusão nos currículos das disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira.

Um dos mais recentes estudos quantitativos, realizado por Ricardo Henriques (2002), chega à conclusão de que, após a expansão do ensino público brasileiro, durante o século passado, a média de escolaridade da população elevou-se, reduziu-se a taxa de analfabetismo e aumentou o número de matrícula em todos os níveis. Esses avanços, no entanto, não diminuíram a desigualdade entre brancos e negros:

HENRIQUES (2000): A escolaridade de brancos e negros nos expõe, com nitidez, a inércia do padrão de discriminação racial. (...) apesar da melhoria dos níveis médios de escolaridade de brancos e negros ao longo do século, o padrão de discriminação, isto é, a diferença de escolaridade dos brancos em relação aos negros se mantém estável entre as gerações. No universo dos adultos observamos que filhos, pais e avós de raça negra viveram, em relação aos seus contemporâneos de raça branca, o mesmo diferencial educacional ao longo de todo o século XX.

Para resolver essas questões foi preciso dar dois passos. O primeiro é a lei; o segundo, o estabelecimento de políticas públicas que a efetivem. E, é justamente, sobre as políticas públicas destinadas nestas últimas décadas as Comunidades de Remanescentes de Quilombolas que destinasse este Trabalho de Conclusão de Curso, reforçando os Grupos de Trabalhos para a Diversidade e as experiências voluntárias que apontam a necessidade do resgate socioeconômico e cultural das Comunidades de Remanescentes de Quilombolas no Brasil. Assim, se trabalhou na Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista, com a história oficial versus história não oficial da população de afrodescendentes, utilizando-se dos recursos técnicos, tecnológicos e comunicacionais, para contar a história dos povos de “matriz africana, no Brasil.

Montou-se uma apostila onde se trabalhou com os seguintes aplicativos: Writer (Aplicativo de Produção de Texto), Impress (Aplicativo de Apresentação); Facebook, Blog e Movie Maker (Aplicativo de Produção de Vídeo e Editoração da Microsoft). Essas ferramentas visavam atrair alunos, professores e a comunidade escolar. No início o objetivo era envolver toda a comunidade escolar; mas, como era período de férias, os mais envolvidos foram os alunos da Escola Estadual São João Batista, os alunos do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal Farroupilha – Polo de Santo Augusto, e duas famílias da Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pecha deixada pelo Modo de Produção Escravista na sociedade brasileira, ainda é forte, principalmente, em comunidade de imigração italiana e alemã, onde o negro é vinculado ao imaginário como inapto, insolente, vagabundo e inferior intelectual e biologicamente, falando. Esta teoria é que permitiu, no final do século XIX, a transição da mão de obra escrava para a mão de obra livre dos imigrantes europeus. Ou seja, o “branqueamento” da população brasileira foi incentivado pelos governos, que tinham medo que os “negros” tomassem o poder no Brasil. No livro *Onda Negra Medo Branco*, da historiadora Célia Azevedo, fica nítida essa visão das elites brasileiras do Brasil Império, que havia a necessidade de branqueamento da população brasileira, ao mesmo tempo em que, a mesma elite visava sufocar as lutas de resistência da população negra contra a escravidão. Nesta perspectiva, o negro deixava de ser a mola propulsora de desenvolvimento econômico do Brasil, passando a ser uma ameaça às elites e a classe média brasileira, por isso, justificava-se a imigração europeia.

Passado mais de 10 anos da aprovação da Lei nº 10.639/2003, constata-se que muitas instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, têm restrições à aplicabilidade da mesma. Essa lei visa à inclusão nos currículos das disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira. Vale transcrever a referida lei:

A lei nº 10.639 altera a lei no 9.394/96 nos seus artigos 26 e 79, e torna obrigatória a inclusão no currículo oficial de ensino da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. O texto da lei é incisivo e claro quanto aos objetivos da mudança, tornando obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira.

§ 1o - O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil;

§ 2o - Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

A lei também estabelece que o calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra.” Também se constitui como marco nas leis educacionais a aprovação unânime em 10/03/2004, pelo Conselho Nacional da Educação, das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A escola tem um papel fundamental a desempenhar nesse processo, porque é um espaço democrático, de fomentação da cidadania, dos Direitos Humanos, do respeito à diversidade etnicorracial, da diversidade cultural, política e religiosa. Uma proposta curricular deve estar voltada para a cidadania e deve se preocupar com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. É preciso lançar mão das últimas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE):

Os analfabetos pretos ou pardos são o dobro dos analfabetos brancos tanto nacionalmente como nas regiões metropolitanas e estados do sul do Brasil. No Nordeste, os índices são ainda mais alarmantes, cerca de 20% são analfabetos. As diferenças entre brancos e negros ou pardos não é tão expressiva no nordeste como é no sul e no sudeste; no entanto, a cor ou raça da população declarada no nordeste é de 70% negros ou pardos, ao contrário da região sul onde 20% são pretos ou pardos (IBGE/PNAD, 2008).

Taxa de Analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais, por cor ou raça, no Brasil e Regiões Metropolitanas do Sul, segundo IBGE ano de 2008.

Grandes Regiões, Estados do Sul/ Regiões Metropolitanas	Total	Branca	Preta	Parda
Brasil	10,0	6,2	13,3	13,7
Centro – Oeste	8,2	5,6	12,7	9,5
Norte	10,7	7,6	13,9	11,4
Nordeste	19,4	15,7	20,7	20,9
Sudeste	5,8	4,2	8,9	7,8
Sul	5,5	4,2	9,8	10,1
Paraná	6,6	4,8	11,6	11,1

Região Metropolitana de Curitiba	3,0	2,6	6,2	3,5
Santa Catarina	4,4	3,7	8,8	8,9
Rio Grande do Sul	5,0	4,0	9,2	8,9
Região Metropolitana de Porto Alegre	3,7	3,0	6,2	7,2

Feitas estas considerações iniciais sobre o processo de exclusão a qual foi submetida por séculos a raça negra; precisa-se avançar no intuito de incluir os afrodescendentes na Era Digital. Neste contexto, vale lançar mão das Políticas Públicas destes últimos anos que, têm priorizado a inclusão social e digital de indivíduos e grupos sociais que, historicamente, foram marginalizados no processo de transição do Modo de Produção Escravista para o Modo de Produção Capitalista no Brasil.

As políticas públicas, têm se destacado no cenário brasileiro; pois, tem feitos movimentos cirúrgicos no sentido de incluir econômica e culturalmente, os afrodescendentes na vida economicamente ativa de nossa sociedade. Haja vista a política de cotas, que tem dado chances a população negra de ingressar no ensino técnico e superior, bem como, em concursos públicos. São movimentos, que tentam reparar uma “falha histórica”, a qual esteve submetida os povos de matriz africana e as comunidades de remanescentes de quilombolas.

A inclusão dos afrodescendentes e das comunidades de remanescentes de quilombolas passa, indubitavelmente, pelo acesso à educação e às ferramentas digitais, tecnológicas e comunicacionais, que tem potencializado a educação brasileira. Sendo assim, o presente trabalho, visa num primeiro momento, incluir socialmente a população de remanescentes de quilombolas; e, num segundo momento incluí-los na Era Digital. São processos indissociáveis, a inclusão social e a inclusão digital.

MORAN (1994) É imprescindível que a escola repense sua relação com os meios de comunicação, deixando de ignorá-los ou considerá-los inimigos, até porque os meios de comunicação são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente e voluntária”.

Precisa-se democratizar-se a gestão escolar; precisa-se garantir o acesso e a permanência destes grupos étnicos e sociais na educação formal; precisa-se de formação continuada para os profissionais da educação focando em temáticas sobre a cultura dos afrodescendentes; precisa-se reestruturar os Planos Políticos Pedagógicos das escolas; precisa-se trabalhar na diversidade para a diversidade; precisa-se criar grupos de trabalhos que direcionem as temáticas e as experiências sobre a diversidade, focado no diálogo com a comunidade escolar e com os grupos etnicorraciais excluídos, neste caso as Comunidades de Remanescentes de Quilombolas. Sendo que a base desta discussão é a educação construtivista:

(PEREIRA, 2005): Num sistema educacional, numa escola, numa sala de aula, em que se encontre alguém comprometido com o questionamento do absolutismo do professor e de outras autoridades escolares (um poderoso fator na produção da indiferença e desinteresse de tantos alunos); com a explicitação e desmoralização de estereótipos; com a alegria das descobertas e a construção efetiva do saber, fora das imposições de lógicas e conteúdos fechados, inodoros, insípidos... Aí a cultura de consciência negra estará gingando plenamente. Se vai, até onde vai, como vai, são interrogações que se somam a tantas outras, nesse processo de erigir as bases de uma escola/nação/sociedade em que se construa valores de justiça e democracia. E onde, certamente, haverá lugar para a multiplicidade/ unicidade da identidade nacional brasileira.

É no nicho escolar que a cultura de matriz africana libertou-se, extrapolando os muros escolares e tomando as ruas, as associações comunitárias, os sindicatos, as organizações não governamentais; e, por último, mas não menos importante as comunidades virtuais.

3. DESENVOLVIMENTO

Partiu-se, num primeiro momento, da necessidade de inclusão social e digital da Comunidade de Remanescentes da Estância da Timbaúva, onde se localiza, segundo a 8ª Coordenadoria Regional de Educação a Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista. Sendo que o objetivo geral foi de capacitar alunos, professores e a comunidade do Quilombo da Timbaúva a trabalhar com diversidade etnicorracial, priorizando os critérios que devem ser utilizados na construção do conhecimento para a diversidade, na construção de um espaço territorial, na conceituação da pluralidade etnicorracial, utilizando-se de ferramentas técnicas, tecnológicas de digitais, como forma de um processo de inclusão social e digital. E, os objetivos específicos foram: capacitar os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista e a Comunidade de Remanescentes do Quilombo da Timbaúva, dar treinamento aos professores de Literatura, Artes e História, sobre artefato tecnológico e comunicacional; produzir conjuntamente com alunos, professores programas sobre a Cultura da Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Timbaúva, a qual pertence a Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista.

(ROCHA, 2004): O educador como mediador do processo de transformação na escola deve atuar contra a exclusão e pela promoção da igualdade. Essa é a única forma, no nosso entendimento, de construir uma escola plural e democrática, e, fundamentalmente, trabalhar uma visão de educação voltada para a humanização. Ao olhar a escola, a sala de aula, o educador comprometido na Promoção da Igualdade Racial deverá “desarmar o espírito”, buscar compreender a discriminação e os preconceitos embutidos na postura, linguagem e prática escolar; muitos deles construídos historicamente pela mentalidade escravista que permeia a sociedade. É necessário que os educadores assumam o compromisso com a perspectiva multicultural da educação. Ultrapassar os limites de ações pontuais para fazer com que no cotidiano das escolas as políticas educacionais de combate ao racismo façam parte da discussão sobre Reorientação Curricular, (re)construção do Projeto Político Pedagógico e Formação Permanente dos Educadores.

Montou-se uma Apostila sobre o Sistema Operacional Linux e o Software Libreoffice, onde se trabalhou os seguintes recursos técnicos, tecnológicos e comunicacionais: Writer – Aplicativo de Produção Textual; Impress – Aplicativo de Produção de Slides; Criação de Blog; Criação de Facebook, este exclusivamente para a Comunidade de Remanescentes de

Quilombolas; e, Movie Maker – Aplicativo de Produção e Editoração de Vídeos da Microsoft. A referida apostila foi montada com imagens, textos e Lendas de Matriz Africana, com o objetivo, mesmo que singelo, de resgatar as origens da Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva.

A apostila foi direcionada para alunos, professores, gestores da Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista e a Comunidade de Remanescentes da Estância da Timbaúva, onde criou-se um Facebook da comunidade, ficando de responsável uma das famílias dos quilombolas, para administrá-lo.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista, conta com 70 alunos, entre as séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. E, a Apostila foi direcionado para os alunos das Séries Finais do Ensino Fundamental, pois em Formigueiro só há uma escola de Ensino Médio; e, a intenção foi prepará-los do, ponto de vista digital, para as exigências dos professores de Seminário Integrado da Escola Estadual de Ensino Médio João Isidoro Lorentz, em Formigueiro. E, sabe-se que os laboratórios de informáticas do governo estadual e federal, vem com o Sistema Operacional Linux instalado, por isso, a preocupação de prepará-los para dominar o referido sistema.

Inicialmente, procuram o Curso doze (12) alunos da Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva, concluíram o Curso 6 alunos, pois era férias escolares e não havia transporte escolar para os alunos. Este foi um dos grandes empecilhos que encontrei a falta de estrutura. Os profissionais da educação da Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista, não participaram do Curso, pois estavam em férias. A direção da Escola se fez presente do início ao fim do Curso, abrindo o laboratório de informática e oferecendo todos os recursos solicitados, como: sala de áudio e vídeo; biblioteca, lanches aos cursistas.

A apostila continha cinco (5) módulos, são eles: Aplicativo de Produção Textual – Writer, onde se ensinou a digitar, formatar, inserir figuras, escolher o layout da página, a fonte, o tamanho da fonte, parágrafo, espaçamento entre linhas, a salvar documentos, etc. E, no final deste módulo colocou-se como exercícios digitar a lenda da criação do mundo sob dois aspectos diferentes, são eles: sob a ótica do colonizador (Igreja Católica) e sob a ótica do colonizado (lenda do Erê); a digitação e formatação da Lei nº 10.639/2003, para ser fixado no mural da escola, na Associação Comunitária da Estância da

Timbaúva, no Poder Legislativo e Executivo da cidade de Formigueiro. No Aplicativo de Apresentação – Impress, ensinou-se a criar inserir slides, a duplicar, transições, layout, personalizações, cronômetros, etc. E, no final deste módulo colocou-se exercícios: criar dois slides sobre a lenda do negrinho do pastoreio e outro de livre escolha, sendo que cada Impress tinha que ter no mínimo 10 slides. Tutorial do Blog, ensinou-se como se cria um blog. Tutorial do Facebook, ensinou-se como se cria um facebook, e qual a importância deste rede social nos dias atuais. O Facebook só foi criado pela Comunidade de Remanescentes da Estância da Timbaúva.

Os alunos das séries finais da Escola Estadual São João Batista e as duas (2) famílias da Comunidade de Remanescentes de Quilombolas que participaram do Projeto “Quilombo Digital”, receberam um certificado do Curso de Informática de quarenta (40) horas, emitidos pela direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista, assinados pela direção.

Priorizou-se, através da apostila montada: a relevância sociocultural e política, considerando a necessidade e a importância da atuação da escola e dos educadores em fornecer informações básicas que, permitam conhecer a ampla diversidade sociocultural brasileira; o desenvolvimento de valores básicos para o exercício da cidadania, voltados para o respeito ao outro e a si mesmo, pautados em cima da Lei nº 10.639/2003; a possibilidade de que os alunos compreendam, respeitem e valorizem a cultura de matriz africana no seio da comunidade formigueirense; a divulgação da Lei nº 10.639/2003 para a Associação da Comunidade de Remanescentes do Quilombo da Timbaúva e seus desdobramentos históricos, sociais e culturais para a comunidade formigueirense; a importância da escola e dos profissionais de educação ser mediadores desta discussão no seio da Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva, através de palestras e discussões a cerca da legislação e da discussão sobre as temáticas que envolvem a inclusão dos povos de matriz africana na sociedade formigueirense; e o “apoderamento” da história das Comunidades de Remanescentes de Quilombolas no Estado do Rio Grande Sul, especificamente, na cidade de Formigueiro. Como estava-se dentro de uma escola, lançou-se mãos dos Parâmetros Curriculares Nacionais que trata da Pluralidade Cultural, para nortear essa discussão em vários momentos do Projeto “Quilombo Digital e Inclusão Social da Comunidade de Remanescentes da Estância da Timbaúva”.

É preciso esclarecer, também, que a discriminação ocorre como uma relação em que há dois polos. No polo que discrimina, o medo apresenta-se como reação ao desconhecido, visto como ameaçador. Quem tem a cor da pele diferente, ou fala de tradições — étnicas, religiosas, culturais — desconhecidas, confronta seu interlocutor com sua própria ignorância de mundos diferentes do seu. É a figura do “estranho”, do “estrangeiro” que, por escapada apreensão comum, pode ser rotulado de “esquisito”. No polo em que se encontra aquele que é discriminado, o medo apresenta-se como ameaça permanente diante da discriminação na sua forma extrema, que busca eliminar fisicamente o discriminado.”(**Revista sobre Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural**. Disponível no [site http://ww.minstério_da_educacao.org.br/secretaria_de_educacao_fundamental](http://ww.minstério_da_educacao.org.br/secretaria_de_educacao_fundamental). Acessado em 20/11/2013).

Tendo como objetivo diminuir o hiato entre o polo que discrimina e o polo que é discriminado, trabalhou-se com discussões, palestras, vídeos (Como Vista a Minha Pele) e lendas de matriz africana, como Êre, o Cabelo de Lêle, Negrinho do Pastoreio, entre outras. E, apresentou-se o Facebook para a Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva, como ferramenta digital e de convergência midiática, para que os quilombolas pudessem colocar sua história, suas lendas locais e as políticas públicas das referidas comunidades.

Foram experiências positivas, pois envolveram a comunidade em várias discussões, principalmente, da necessidade de organização da referida comunidade, haja vista que, está tramitando a “reconhecimento” do referido quilombo pelo Estado do Rio Grande do Sul. E, esse reconhecimento passará, certamente, pelo engajamento dos quilombolas com as políticas públicas. Sendo, assim, a comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva, fortaleceu-se com o “apoderamento” da sua história. Pois, foi neste espaço que a comunidade começou a apropriar-se da sua história enquanto descendentes de povos de matriz africana; da legislação e das políticas públicas que estão, atualmente, preservando estas comunidades. Na verdade, nem os líderes dos quilombolas não conheciam sua historicidade, muito menos a Lei nº 10.639/2003 que, enfatiza como as escolas públicas e privadas, têm que ter em seus currículos a história e a cultura afro-brasileira.

As duas semanas de trabalho na Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista e com a Comunidade de Remanescentes de Quilombola da Estância da Timbaúva, foram intensas, por isso, é importante registrar o cronograma de trabalho desenvolvido, para que, futuramente, outros profissionais de educação saibam como se trabalhou; assim, vou anexar o cronograma das referidas atividades.

Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista – alunos das séries finais do Ensino Fundamental e Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva.	Primeira Semana de Janeiro de 2014	Segunda Semana de Janeiro de 2014
	Aula sobre Aplicativo de Produção Textual – Writer: Inserir Figuras, Layout da Página, Tamanho da Fonte, Tipo de Fonte e digitação de Lendas de Matriz Africana	Aula sobre como se criar um Facebook.
	Palestra sobre a Lei nº 10.639/2003 e Vídeo Vista a Minha Pele.	Aula sobre o Aplicativo Movie Maker – Produção e Editoração de Vídeos
	Aula sobre Aplicativo de Apresentação – Impress.	Aula Prática do Aplicativo Movie Maker.
	Pesquisa de Lendas de Matriz Africana na Internet.	Exposição das Lendas de Matriz Africana no Mural de Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista, no Poder Legislativo e Executivo da cidade de Formigueiro
Aula sobre como se criar um Blog.	Confraternização	

Neste contexto, o nosso trabalho teve um papel relevante junto à Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista e a Comunidade de Remanescentes de Quilombola da Estância da Timbaúva. Mesmo sendo um trabalho incipiente, contribuiu para que, a comunidade tivesse contato com as suas lendas, com a sua história, com a legislação, com as atuais políticas positivas, com palestras e vídeos que resgatam a história dos povos de matriz africana e a sua contribuição na formação social e política na história brasileira, especialmente, no núcleo de colonização da Estância da Timbaúva.

4. CONCLUSÃO

É no espaço escolar e no acesso do negro à educação, que começaram as discussões acerca dos saberes diferentes. E, é neste mesmo universo denso que entra a Lei nº 10.639/2003, que disciplinará nas escolas públicas e privadas, a inclusão nos currículos das disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira da História dos Povos de Matriz Africana.

Nos tempos que correm, tem sido cada vez mais evidente o crescimento de uma posição política progressista, que valoriza a diversidade em todas as suas formas, e luta por uma educação que ensine a todos o respeito (por vezes a simples tolerância já seria uma grande conquista) pelas identidades cada vez mais “diversas” que povoam nosso mundo. É nesta direção que esperamos contribuir para a formação de professores e professoras, que instaurem em sala de aula debates que ensinem os alunos e alunas a reconhecer e respeitar as diferenças, contribuindo para a reduzir e até mesmo eliminar as desigualdades que por vez decorrem destas diferenças entre as pessoas (diferença de raça, de gênero, de etnia, de orientação sexual, de classe econômica, de geração, de pertencimento religioso, etc). (Curso de Aperfeiçoamento em Educação para a Diversidade – Módulo III- da Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul – Diversidade étnica, de gênero e sexualidade, 2010, p. 201).

Percebe-se que a legislação sempre recorre à escola (inclusive a Lei nº 10.639/2003) para que essas discussões sejam efetivadas no seio da sociedade. E, neste espaço democrático que, são lançadas essas discussões: de gênero, etnicorraciais, e sobre a sexualidade, educação quilombola, comunidades de remanescentes de quilombolas, entre outros. Portanto, a escola precisa capacitar seus profissionais da educação para atuarem na diversidade, com a diversidade e para a diversidade. E esta capacitação passa, necessariamente, pela redefinição de uma proposta político- pedagógica que aborde estas temáticas, por meio do currículo e de uma proposta pedagógica de caráter construtivista.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista, pertencente ao Quilombo da Estância da Timbaúva na cidade de Formigueiro – RS, foi palco, nas férias escolares de verão do ano de 2014, daquela Instituição de Ensino, do Projeto Quilombo Digital e Inclusão Social da Comunidade de Remanescentes da Estância da Timbaúva. A iniciativa é bem modesta, mas espera-se que, com a desmistificação do nosso passado colonial, esta

comunidade possa resgatar o seu referencial etnicorracial e contar muitas histórias sobre seus antepassados, usando os recursos técnicos, tecnológicos e comunicacionais, proporcionados pelo Projeto “Quilombo Digital e Inclusão Social na Comunidade de Remanescentes da Estância da Timbaúva”.

Espera-se que a referida comunidade “apodere-se” da sua história, transformando-a num referencial de luta pela historicidade dos povos de “matriz africana”, no Brasil, especialmente, no Estado do Rio Grande do Sul.

APÊNDICES: Aulas desenvolvidas no Escola Estadual de Ensino Fundamenta São João Batista – Formigueiro – RS

Aula: Bento Gonçalves - o Herói Ladrão
Objetivo: Que o aluno desmistifique na história brasileira, especificamente, na história riograndense, a importância dos mitos, criados pela história oficial.
Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno: O eudeusamento dos "mitos" na história oficial do Estado do Rio Grande do Sul, especialmente, os mitos da Revolução Farroupilha, grandes estancieiros, preocupados em aumentar o valor do "charque gaúcho" e de seus lucros juntos ao Império Brasileiro.
Estrutura Curricular
Ensino Fundamental: Disciplinas História
Autor: Cleusa Oliveira Dornelles
Instituição: Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista
Cidade: Formigueiro – RS
Estratégias e recursos da aula: Ler uma postagem do autor do Livro: A História Regional da Infância, de Juremir Machado da Silva, disponível no site: http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=3241 .
ATIVIDADE 1: Sobre o autor: Juremir Machado da Silva, nascido em 29 de janeiro de 1962, em Santana do Livramento, graduou-se em História (bacharelado e licenciatura) e em Jornalismo pela PUCRS, onde também fez Especialização em Estilos Jornalísticos. Passou pela Faculdade de Direito da UFRGS, onde também chegou a cursar os créditos do mestrado em Antropologia. Obteve o Diploma de Estudos Aprofundados e o Doutorado em Sociologia na Universidade Paris V, Sorbonne, onde também fez pós-doutorado. Como jornalista, foi correspondente internacional de Zero Hora em Paris, trabalhou na IstoÉ e colaborou com a Folha de S. Paulo. Atua como colunista do Correio do Povo desde o ano 2000. Tem 27 livros individuais publicados, entre os quais Getúlio, 1930, águas da revolução, Solo, Vozes da Legalidade e História regional da infância, o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras. Coordena o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. Apresenta

diariamente, ao lado de Taline Oppitz, o programa Esfera Pública, das 13 às 14 horas, na Rádio Guaíba.

ATIVIDADE 2: Sobre o "endeusamento" dos mitos na história oficial:

Até quando vamos endeusar a revolução farroupilha?

Postado por Juremir em [25 de setembro de 2012](#) - [História](#)

Até quando?

Todo os anos eu me pergunto: até quando?

Sim, até quando teremos de mentir ou omitir para não incomodar os poderosos individuais ou coletivos?

Até quando teremos que tapar o sol com a peneira para não ferir as suscetibilidades dos que homenageiam anualmente uma “revolução” que desconhecem? Até quando teremos de aliviar as críticas para não ofender os que, por não terem estudado História, acreditam que os farroupilhas foram idealistas, abolicionistas e republicanos desde sempre? Até quando teremos de fazer de conta que há dúvidas consistentes sobre a terrível traição aos negros em Porongos? Até quando teremos de justificar o horror com o argumento simplório de que eram os valores da época? Valores da traição, do escravismo, da infâmia?

Até quando fingiremos não saber que outros líderes – La Fayette, Bolívar, Rivera – outros países – Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia – e outras rebeliões brasileiras – A Balaiada, no Maranhão, por exemplo – foram mais progressistas e, contrariando “valores” da época, ousaram ir aonde os farroupilhas não foram por impossibilidade ideológica? Até quando a mídia terá de adular o conservadorismo e a ignorância para fidelizar sua “audiência”?

Até quando deixaremos de falar que milhões de homens sempre souberam da infâmia da escravidão? Os escravos. Até quando minimizaremos o fato de que a Farroupilha, com seu lema de “liberdade, igualdade e humanidade”, vendeu negros para se financiar? Até quando deixaremos de enfatizar que os farrapos prometiam liberdade aos negros dos adversários, mas não libertaram os seus? Até quando daremos pouca importância ao

fato de que a Constituição farroupilha não previa a libertação dos escravos? Até quando deixaremos de contar em todas as escolas que Bento Gonçalves ao morrer, apenas dois anos depois do fim da guerra civil, deixou mais de 50 escravos aos seus herdeiros? Até quando?

Até quando?

Até quando adularemos os admiradores de um passado que não existiu somente porque as pessoas precisam de mitos e de razões para passar o tempo, reunir-se e vibrar em comum? Até quando os folcloristas sufocarão os historiadores? Até quando o mito falará mais alto do que a História? Até quando não se dirá nos jornais que os farroupilhas foram indenizados pelo Império com verbas secretas? Que brigaram pelo dinheiro? Que houve muita corrupção? Que Bento Gonçalves e Neto não eram republicanos quando começaram a rebelião? Que houve degola, sequestros, apropriação de bens alheios, execuções sumárias, saques, desvio de dinheiro, estupros, divisões internas por causa de tudo isso e processos judiciais?

Até quando, em nome de uma mitologia da identidade, teremos medo de desafiar os cultivadores da ilusão? Até quando historiadores como Décio Freitas, Mário Maestri, Sandra Pesavento, Tau Golin, Jorge Eusébio Assumpção, Spencer Leitman e tantos outros serão marginalizados? Até quando nossas crianças serão doutrinadas com cartilhas contando só meias verdades?

Até quando a rebelião dos proprietários será apresentada como uma revolução de todos? Até quando mentiremos para nós mesmos? Até quando precisaremos nos alimentar dessa ilusão?

Até quando viveremos assim?

Atividades 3: Questionário sobre mitos na história Oficial:

- 1) Quais os mitos da história oficial brasileira que você conhece? Cite no mínimo 10.
- 2) Defina o conceito de História Oficial? E para quem serve a história oficial?
- 3) Porque Juremir Machado afirma que historiadores importantes como: SANDRA PESAVENTO, DÉCIO FREITAS, TAU GOLIN E MÁRIO MAESTRI, são

"marginalizados pela História Oficial"?

4) O que você sabe sobre a Revolução Farroupilha e o seu chefe maior Bento Gonçalves? Discorra sobre este assunto usando as palavras do historiador Juremir Machado?

5) Você sabia que os Farrapos: roubaram, mataram, degolaram, estupraram, em nome da REVOLUÇÃO FARROUPILHA?

6) Se Bento Gonçalves era um idealista, porque tinha negros como escravos? Deixando, inclusive, aos seus herdeiros, mais de 50 negros escravizados após o término da REVOLUÇÃO FARROUPILHA?

7) O Lema da Revolução Farroupilha era: "Liberdade, Igualdade e Humanidade". Responda-me, liberdade para quem? Igualdade para quem? Humanidade para quem?

8) Quem precisa de heróis?

9) Faça um texto de uma lauda, em dupla, porque: " BENTO GONÇALVES O HERÓI LADRÃO".

10) Quantos operários, trabalhadores rurais e urbanos, pedreiros, padeiros, eletricitas, jornaleiros, você já viu seus nomes em livros didáticos, como heróis? Cite, se você os encontrá-los.

ATIVIDADE3: Ferramentas Midiáticas Adotadas: Blog:

<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=3241>

A Integração do Afro brasileiro na Sociedade de Classe Brasileira

Por: Cleusa Oliveira Dornelles

Metodologia usada: Desenvolvimento desenvolver as seguintes capacidades: codificação – problematização – descodificação, seguindo os paradigmas da obra de Paulo Freire; bem como, e Vygostky, que afirma “ o uso de meios ‘artificiais’, a transição para a atividade mediada, muda fundamentalmente todas as operações psicológicas, assim como o uso de

instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar.

Proposta de Trabalho: Usar a internet, preferencialmente, o Facebook, para divulgar a religiosidade dos afrodescendentes.

Objeto de Análise: Análise da Religiosidade Africana e sua influência na sociedade brasileira.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO E CONTEMPORÂNEO: A Integração do Afro-brasileiro na Sociedade de Classe.

Tia Josefa dos Prazeres era uma negra muito feia que inspirava medo as criancinhas cada vez que as fitava com aqueles olhos felinos, injetados de sangue. Recém-chegada à cidade juntamente com seu marido, pedreiro e coveiro Manoel Congo, levou algum tempo para que ela ganhasse a confiança de seus habitantes. Tia Josefa, porém, sabia fazer uns ótimos pasteizinhos de carne, muito alvos e macios, e com o tempo conseguiu muitos fregueses. Além disso a sua casa situada ao lado do cemitério, começou a ser bastante procurada por aqueles desejosos de mezinhas de uma boa parteira. Assim, o tempo venceu as primeiras desconfianças e, embora as crianças ainda olhassem assustadas – tal como uma feiticeira de seus pesadelos -, Tia Josefa tornou-se uma figura imprescindível do cotidiano de pacatos cidadãos.

Mas um dia Nini, uma linda menina loira, rosada, alegre e esperta, por causa de um pequeno resfriado, começou a tomar as beberagens de tia Josefa, e, ao invés de melhorar, piorou rapidamente. Chamado finalmente o médico, já não havia mais remédio para ela, a não ser buscar Manoel Congo para enterrá-la. Para consolar a pobre mãe, a boa tia Josefa passou a presenteá-la com aqueles seus deliciosos pastéis. Esta história terminaria aqui se não fosse a mãe, inconsolável, pedir para ver a filha ainda uma ultima vez, oito dias depois de sua morte. Para seu espanto, nada mais havia no pequenino caixão aberto pelo coveiro. A suspeita criou asas e a polícia cercou a casa de tia Josefa e Manoel Congo. Lá dentro encontrou cachos loiros, restos de roupa de crianças e, embaixo da mesa da cozinha, pequeninos ossos... O povo quis esquartejar os dois negros, enquanto a mãe da linda menina morta, quase louca, contorcia-se horrorizada – tinha comido a filha em pastéis...

(CORTINES Apud AZEVEDO, 2004, p. 15-16).

Segundo Azevedo (2004) esta história macabra foi divulgada no Correio Paulistano em 26 de julho de 1888. Este jornal representava a opinião de Antônio Prado, político

influyente do império e incentivador da imigração europeia. O caso da tia Josefa mostra como foi tratada a questão do negro brasileiro após a lei áurea. Será que os ex escravizados tiveram oportunidade igual aos imigrantes europeus para sua integração na sociedade brasileira no período pós abolição? Vocês concordam com essa visão sobre o negro brasileira?

Proposta de Atividade

Discutam sobre as seguintes questões:

- 1) Qual é a história desta história horrível, triste?
- 2) O que significa esta história para os afro descendentes?
- 4) Que imagem o conto quer transmitir quando diz que tia Josefa era feia e tinha os olhos felinos?
- 3) As beberagens que a tia Josefa fazia, era uma tradição passada de geração a geração! Podem ser consideradas, aos olhos da Igreja Católica, como macumba, feitiçaria, evocação de Orixás da Candomblé.
- 4) Faça uma pesquisa de todos os Orixás do Candomblé, enfatizando os seus domínios, tipo: ar, terra fogo, mar. Após compare-os com os Santos da Igreja Católica Apostólica e Romana. Descubra semelhanças e diferenças.
- 5) Divulguem esse texto no mural da Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista e na Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva. Analise as postagens, e montem um relatório sobre a aceitabilidade da cultura afrodescendente em nossa sociedade.

Referencial Bibliográfico:

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda Negra Medo Branco: o negro no imaginário das elites do século XIX, 2ª edição. São Paulo, Annablume, 2004.

Proposta de Atividade

As beberagens que a tia Josefa fazia, era uma tradição passada de geração a geração! E, são consideradas, aos olhos da Igreja Católica, como macumba, feitiçaria, evocação de demônios. No entanto, estamos falando de “religiosidade” e da “cultura negra”. Faça uma pesquisa na Internet e sobre esta questão, elaborando um texto em 2 laudas(fonte Arial, tamanho 26, espaçamento entre linhas de duplo); e, preenchendo o tabela a baixo. Após publiquem no mural da Escola Estadual de Ensino Fundamental São João e na Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Estância da Timbaúva.

Orixá da Umbanda ou do Candomblé	Domínio (Exemplo: Pedra, Terra, Ar, Mar, etc.)	Oferendas desta Entidades (Comidas, Bebidas, flores, espelhos, etc)	Sobre quais assuntos essas entidades são evocadas (doença, saúde, prosperidade, dinheiro, etc)	Santo Correspondente na Igreja Católica
Oxalá				
Iemanjá				
Xangô				
Oxum				
Iansã				
Ogum				
Oxossi				
Cabocla Jurema				
Pretos Velhos				
Linha de Exús				

Sugestão de Aula: Sustentabilidade nos Quilombos de Formigueiro (RS)	
Informações da Aula: O que o aluno poderá aprender com esta aula: Identificar a forma de renda das comunidades quilombolas de Formigueiro (RS)	
Duração das atividades: 3 horas	
Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno: Conhecimentos sócio-culturais dos alunos sobre o tema, desde o Brasil Colônia até o Brasil Império.	
Estrutura Curricular	
Ensino Médio: Disciplinas de História	
Autora: Nome: Cleusa Oliveira Dornelles	
Nome: Cleusa Oliveira Dornelles	
Instituição: Escola Estadual de Ensino Fundamental São João Batista	UF: RS
Autora: Cleusa Oliveira Dornelles	Curso: Pós Graduação em Mídias da Educação – Universidade Federal de Santa Maria – RS
Estratégias e recursos da aula	

ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR(A): Organize um trabalho de pesquisa nas comunidades Quilombolas de Formigueiro, para identificar a forma de renda destas comunidades, através de um questionário de caráter investigativo. O trabalho de pesquisa deve ser realizado no mês de janeiro de 2014, nas férias da E.E.E.F. São João Batista, da cidade de Formigueiro – RS. As atividades propostas têm o objetivo de fazer com que os alunos desenvolvam as seguintes capacidades cognitivas: observar; descrever; comparar; relacionar e concluir. E, do ponto de vista, Freireano: Codificar - Problematizar e Descodificar, a relação entre os quilombos e a estrutura capitalista do século XXI.

ATIVIDADE 1: PROBLEMATIZAÇÃO:

- 1) Qual a principal fonte de renda da Comunidade de Remanescentes de Quilombolas da Timbaúva, cidade de Formigueiro – RS.
- 2) Quais as origens da população quilombola da cidade de Formigueiro?
- 3) Qual a fonte de renda destas comunidades?
- 4) As terras são próprias, arrendadas ou doadas?
- 5) Quais os tipos de culturas são produzidas por estas comunidades?
- 6) Existe excedente de produção?
- 7) Se existe excedente de produção como é comercializado?
- 8) Quantas famílias recebem auxílio do Governo Federal?

ATIVIDADE 3: FERRAMENTAS MIDIÁTICAS ADOTADAS:

- 1) **Aplicativo de Apresentação – Impress, para elaborar um slides, partindo de fotos e imagens colidas nos Quilombos formigueirense.**

RECUROS COMPLEMENTARES:

- 1) MÁQUINA FOTOGRÁFICA;
- 2) COMPUTADORES e
- 3) ACESSO A INTERNET

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

Apostila sobre Curso de Aperfeiçoamento em Educação para a Diversidade – Módulo III- da Universidade Federal do Estado do Rio Grande, do Sul – Diversidade étnica, de gênero e sexualidade, ano de 2010, p.201. Disponível no site: <http://cursosobrediversidade.com.br/moodle.php>. Acessado Restrito. Em 02 de novembro de 2013.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda Negra Medo Branco: o negro no imaginário das elites do século XIX, 2ª edição. São Paulo, Annablume, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.639/2003. Dispõe sobre a inclusão no Currículo das Escolas Públicas e Privadas, do Ensino da Cultura Afro Brasileira e de suas Matizes Africanas. Disponível no site: <http://www.mec.com.br>. Acessado em 29/09/2013.

DUPAS, G. Economia e Exclusão Social: Pobreza, Emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 125.

HENRIQUES, Ricardo. Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza: por um novo acordo social no Brasil. In: ————. (Org). Desigualdade e pobreza no Brasil . Rio de Janeiro: IPEA, 2000. p. 1-18.

MORAN, José Manoel. Os Meios de Comunicação na Escola. IN: Série Ideias, n.9, p 21 – 28. São Paulo: FDE, 1994, p. 21.

PEREIRA, Luis Antônio. História da Educação do Negro e outras Histórias. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Coleção Educação para Todos, 2005, página 47.

ROCHA, Lauro Cornélio. A formação de educadores(as) na perspectiva étnicoracial na rede municipal de ensino de São Paulo (2001-2004). IN: ROMÃO (2005: 201-218).

Revista sobre Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural. Disponível no site http://ww.minstério_da_educacao.org.br/secretaria_de_educacao_fundamental. Acessado em 20/11/2013).

Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE. Plano Nacional de Mostra por Domicílios – PNDA. Ano de 2008. Disponível: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/>. Acessado em 13/09/2013.

Site da Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul – Curso de Produção de Material Didático para a Diversidade, 3ª Edição. Disponível no site: <https://moodle.ufrgs.br/course/view.php?id=24268>. Acessado em 13/10/2013. Acesso Restrito

Vídeo Vista Minha Pele. Disponível no Site: <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>. Acessado no dia 13/08/2013.

WARSCHAUER, Mark. Tecnologia e Inclusão Social. A exclusão digital em debate. São Paulo: Senac, 2006. p.199.